

Comunidade quilombola de Mituaçú: Relato de estágio docência na Escola Municipal Ovídio Tavares de Morais

Gabriel Alves do Nascimentoⁱ 

Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, PB, Brasil

Aline Rodrigues de Almeidaⁱⁱ 

Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, PB, Brasil

Charliton José dos Santos Machadoⁱⁱⁱ 

Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, PB, Brasil

1

Resumo

Este artigo tem como objetivo apresentar o relato de experiência através do estágio docência como campo de atuação privilegiado para a reorganização do trabalho docente a favor da educação e dos educandos. A metodologia que desenvolvemos é a Pesquisa Participante (RICHARDSON, 2017) de base qualitativa, o principal instrumento de coleta dos dados é o Diário de Campo (BOGDAN, BIKLEN, 1999). O campo teórico que alinhamos o nosso estudo é o da Educação Popular e da Pedagogia Griô. Nosso campo de atuação é a Escola Municipal Ovidio Tavares de Morais, localizada na comunidade quilombola de Mituaçú/PB. A investigação inicia na chegada da comunidade até a sala de aula do 5º ano do Ensino Fundamental I. Os resultados obtidos apresentam que: o diálogo estabelecido com os educandos é o principal instrumento de ensino e aprendizagem capaz de organizar a prática docente a serviço da educação e dos educandos.

Palavras-chave: Comunidade de Mituaçú. Estágio Docência. Escola Municipal Ovídio Tavares de Morais.

quilombola community of Mituaçú: Report of teaching internship at the Municipal School Ovídio Tavares de Morais

This article aims to present the experience report through the teaching internship as a privileged field of action for the reorganization of the teaching work in favor of education and students. The methodology we developed is Participatory Research (RICHARDSON, 2017) with a qualitative basis, the main instrument of data collection and analysis is the Field Diary (BOGDAN, BIKLEN, 1999). The theoretical field that we align our study on is that of Popular Education and Pedagogy Griô. Our field of action is the Municipal School Ovidio Tavares de Morais, located in the quilombola community of Mituaçú/PB. The investigation begins with the arrival of the community to the classroom of the 5th year of Elementary School I. The results obtained show that: the dialogue established with students is the main teaching and learning instrument capable of organizing teaching practice at the service of education and students.

Keywords: Mituaçú community. Teaching Internship. Municipal School Ovídio Tavares de Morais.

1 Introdução

Este artigo é produto das inquietações provocadas durante a disciplina de Estágio Supervisionado, no curso de Pedagogia com aprofundamento em Educação do Campo, realizado no ano de 2018, na Escola Municipal Ovídio Tavares de Moraes. Escola localizada em uma comunidade remanescente quilombola no sítio Mituaçú, no município do Conde/PB. A nossa intervenção aconteceu no 5º ano do ensino fundamental I.

Estes escritos não se reduzem a um relato de experiência descritivo, mas tenta aproximar-se dos aspectos teórico-metodológicos próprios ao campo do estágio, pensando este como um campo de observação, pesquisa e intervenção em seu sentido dialético, apontando desafios e possibilidades a partir dos teóricos que tivemos acesso ao longo de nossa formação. O objetivo deste artigo é de apresentar o relato de experiência através do estágio docência como campo de atuação privilegiado para a reorganização do trabalho docente a favor da educação e dos educandos.

Nesse sentido, o desafio do pedagogo em formação de relatar sua própria ação em comunhão com seus pares e de refletir sobre ela, são inúmeras, inicialmente nossa preocupação é de não nos reduzirmos a uma abordagem quantitativa, tentaremos aqui, romper com o caráter descritivo de uma experiência vivida, fazendo um esforço para priorizar as falas dos educandos, compreendendo o campo do estágio como importante espaço de reorganizarmos a nossa prática docente a serviço dos educandos.

O caminho metodológico que percorremos para a consolidação deste artigo é a Pesquisa Participante (RICHARDSON, 2017) com a análise da Escrita de Diários (BOGDAN; BIKLEN, 1999) e de Entrevista Semiestruturada. A necessidade de registrar nossa observação/ação com a escrita de diários, leva-nos a reflexão da necessidade de descrevermos a nossa ação, analisá-la, reorganizá-la e superá-la, com a construção de uma nova análise, entendendo que o pedagogo em formação é um sujeito histórico e incompleto, mediatizado pelo mundo (FREIRE, 1981).

As bases teóricas que orientam a nossa escrita estão presentes na Educação Popular (FREIRE, 1981; 1990; 2005; 2015); (MEJÍA, 2018); (BRANDÃO, 1988;

2006; 2010); e na Pedagogia Griô (PACHECO, 2006). Adentrar ao espaço de uma escola quilombola é repleto de significados, nos permite repensar a nossa própria constituição enquanto ser humano. Também nos instiga a reorganizar a História não contada desses povos a serviço dessa população.

Portanto, a proposta de intervenção que desenvolvemos durante a permanência na comunidade de Mituaçú/PB é desenvolvida em formato de sequência didática e está organizada a partir de um eixo central: A história da população afro-brasileira e a independência do Brasil. A sequência didática tem como objetivo desenvolver a leitura e a escrita a partir do gênero textual folheto, associado ao dia 7 de setembro, – o chamado dia da independência – analisando de forma crítica e reflexiva como e porque este dia é comemorado, e qual a influência dos desfiles cívico-militar na vida cotidiana dos educandos.

Por fim, os conteúdos trabalhados estão organizados de forma multidisciplinar, adentrando os aspectos históricos, geográficos, estético-artístico e discursivo da língua portuguesa, compreendendo que os conteúdos não dão conta de desenvolver-se isoladamente, pois fazem parte da vida, de uma vida que não se faz isolada e estanque, mas que está em permanente movimento, mudando e ressignificando cotidianamente o modo de pensar, agir e intervir dos educadores e educandos.

2 Metodologia

Os caminhos que percorremos nesse artigo estão imersos na Pesquisa Participante de base qualitativa (RICHARDSON, 2017) - como principal campo de atuação – e, recorremos ao Diário de Campo (BOGDAN; BIKLEN, 1999) e entrevista semiestruturada levando em consideração o elemento ideológico (DEMO, 1985) – como instrumento de coleta e análise dos dados obtidos. Esta pesquisa desenvolveu-se na Escola Municipal Ovídio Tavares de Moraes, situada na comunidade de Mituaçú/PB. Nosso olhar parte das observações durante a chegada na comunidade até a sala de aula do 5º ano do Ensino Fundamental I, onde trabalhamos com 16 alunos regularmente matriculados.

Tivemos o cuidado de não utilizarmos o nome de educandos e educadoras, iremos citá-los através de nomenclaturas, respeitando o anonimato e a preservação de seus relatos. De acordo com Brandão (2006) sobre a pesquisa Participante,

[...] com Fals Borda a proposta da pesquisa participante deveria desaguar na progressiva construção de uma ciência popular. Uma nova ciência capaz de pensar-se, de pensar o mundo social e de pensar as transformações sociais de uma maneira dialética realizada a partir da presença, da posição e dos interesses das classes populares. (p. 33)

Ainda sobre essa perspectiva de pesquisa, de acordo com Moretti e Adams (2011) essa é um tipo de pesquisa que não pode se render as demandas estrangeiras, as especulações fundiárias e nem deve estar subordinada a nenhum tipo de opressão,

[...] a Educação Popular e a Pesquisa Participativa (a investigação-ação participativa, pesquisa participante, pesquisa-ação e, mais recentemente, a sistematização de experiências) têm sido, em suas práticas libertadoras e democráticas, um instrumento fundamental na construção de autonomias, sem abrir mão da rigorosidade metodológica. (MORETTI; ADAMS, 2011, p. 449).

Freire (1990), aponta que é através da realidade de cada comunidade que as pesquisas devem ser concebidas e orientadas, pela “[...] sabedoria popular, à maneira como os grupos populares se compreendem em suas relações com o seu mundo [...]” (p. 35). Freire (1990) em outro momento completa, [...] A quem sirvo com a minha ciência” [...]” (p. 36). É partindo destas relações entre pesquisador e campo de pesquisa que concebemos este artigo, alinhados nas bases e preceitos dos teóricos supracitados.

Ao escrever sobre a realidade concreta através do Diário de Campo o investigador deverá utilizar essa técnica com o intuito de registrar,

[...] ideias, estratégias, reflexões e palpites, bem como os padrões que emergem [...] o relato escrito daquilo que o investigador ouve, vê, experiencia e pensa no decurso da recolha e refletindo sobre os dados de um estudo qualitativo. (BOGDAN; BIKLEN, 1999, p. 150).

Portanto o pesquisador deverá ter um olhar atento e curioso, tentando se desprender de possíveis estereótipos, sabemos que nesse tipo de pesquisa a visão do pesquisador e a sua formação são elementos centrais para a realização de uma boa pesquisa, diferente das ciências duras que tentam distanciar o objeto pesquisado do indivíduo pesquisador, aqui essa relação deverá ser intrínseca. O pesquisador deverá estar disposto a aprender com o campo pesquisado e a reformular suas ideias e hipóteses caso seja necessário.

5

3 Comunidade Quilombola de Mituaçu: um urbano no campo

Inicialmente, é importante destacar como se deu a escolha pela escola, uma escolha que partiu da necessidade de observar a dinâmica do campo e, a partir das inquietações provocadas pelas discussões na sala de aula do curso em Pedagogia com área de aprofundamento em Educação do Campo, em que as inúmeras discussões entre educadores e educandos apontavam a necessidade de priorizarmos nosso estágio vivenciando as especificidades da escola do campo, para que, dessa forma, a nossa formação docente fosse mais assertiva e sensível às demandas dessas populações.

A comunidade de Mituaçu é remanescente quilombola, reconhecida desde 2004, como afirma a professora e historiadora Glauciê Pereira dos Santos, em sua monografia intitulada *O povo negro e o voo para a liberdade: Comunidade Quilombola de Mituaçu (PB-Brasil) séculos XVII-XX*,

O processo de auto-identificação da comunidade como remanescente quilombola foi iniciado em 2004. Os (as) moradores foram informados que a Fundação Palmares fazia reconhecimento das comunidades negras, daí eles solicitaram tal processo e em seguida receberam dessa fundação as fichas cadastrais com um questionário a ser respondido. O cadastramento dos (as) moradores (as) foi feito pela presidenta da associação juntamente com os moradores mais idosos de Mituaçu “onde agente relatou como a comunidade era antes, e seus habitantes através desse pequeno histórico e do questionário respondido enviemos a Fundação Palmares que depois chegou nosso certificado, certificando como quilombola”. (SANTOS, p.38, 2011).

A professora Glauciê dos Santos dialoga acerca de seu local de fala e remonta-nos à sensibilidade e ao olhar atento para as especificidades de sua atuação, cuja formação dedica-se ao estudo de seu povo e de sua comunidade,

Assim, em muitas situações presentes, uma comunidade tradicional não se reconhece como tal apenas por serem eles e os seus modos de vida “diferenciados do ponto de vista cultural”, [...] mas, também, por haverem, no correr dos tempos, criado, vivido e transformado padrões de cultura e modos de vida em que a luta, o sofrimento, a ameaça e a resistência estão no cerne da memória. (BRANDÃO, 2010, p. 359).

A construção dessa identidade da comunidade é pautada pelo simbolismo da resistência dos povos afro-brasileiros, do seu modo de viver, da forma de produzir e de socializar com o outro. É nessa comunidade que escolhemos transitar, observar e intervir, com um povo que passou e passa por muitos desafios e que resiste com as memórias de um tempo não muito distante.

[...] o passado escravocrata não se esgota apenas na experiência do senhor todo-poderoso que ordena e ameaça e do escravo humilhado que “obedece” para não morrer, mas na relação entre eles. E é exatamente obedecendo para não morrer que o escravo termina por descobrir que “obedecer”, em seu caso, é uma forma de luta, na medida em que, assumindo tal comportamento, o escravo sobrevive. E é de aprendizado em aprendizado que se vai fundando uma cultura de resistência, cheia de “manhas”, mas de *sonhos* também. De rebeldia, na aparente acomodação. (FREIRE, 2015, p. 149, grifos do autor).

A comunidade de Mituaçú está localizada à 24km de João Pessoa, percorrendo em direção à comunidade, passamos metade do caminho em estrada de barro, com curvas acentuadas e fechadas, muita vegetação ao redor, uma linda paisagem das árvores encontrando-se com seus galhos, engalfinhando-se e montando uma cerca de proteção entre a estrada e a vegetação. A comunidade fica localizada no alto de alguns morros e foi neste momento que percebemos como se fazia necessário ter uma escola nessa comunidade, como é importante que esses educandos e educandas não tivessem que passar por todo esse percurso para ter o direito à educação consolidada.

Ao chegar à comunidade, encontramos casas de muro baixo, muitas delas sem muros, inclusive com algumas pessoas em suas redes na varanda, um bar cuja sinuca convidava quem chegava a jogar. Deparamo-nos com uma dinâmica totalmente diferenciada, um povo simpático e muito acolhedor, algumas hortas ao lado das casas, com uma vida mais simples e mais atraente.

7

4. Escola Ovídio Tavares de Moraes: a observação para a intervenção

O primeiro contato que tivemos com a escola foi com a Entrevistada 1. Chegamos sem conhecer ninguém e, na medida em que íamos entrando na instituição, fui observando como a escola era pequena, tinha pouco espaço físico, as salas eram apertadas, mas dava para mudar as carteiras de posição e dava para se locomover. O corredor era onde todos socializavam, tinha algumas mesas, que serviam de refeitório, as paredes estavam repletas de cartazes com as produções dos educandos e educandas.

Conversando com a Entrevistada 1, falamos quem éramos, de onde vínhamos e qual era a proposta de atividade. Deixamos claro que vínhamos de uma instituição universitária do curso de Educação do Campo e ela olhou para nós meio que de surpresa abriu um sorriso e disse: então sejam muito bem-vindos e continuou falando que não era muito comum ter homens nesta área.

Apresentamos a Entrevistada 1 a carta de apresentação elaborada pela professora da disciplina, dialogando sobre qual seria a minha preferência de estágio, em qual serie se daria. Informei-a que eu gostaria de ficar com as turmas do 4º ou 5º ano, por se tratar de crianças mais maduras, por estarem em um novo ciclo de aprendizagem e de desenvolvimento, e por serem um pouco mais autônomas em relação ao poder de tomada de decisões. Pensando um pouco sobre a regência e descontruindo a fala de que os jovens são rebeldes e agressivos é que optei por estas séries.

As observações aconteceram na turma do 5º ano. Iniciamos a observação na sala de aula com o intuito de ir percebendo como a professora estruturava a sua aula. Entrei na sala e ela pediu que eu me apresentasse para a turma, sentei-me ao

fundo da sala e fiquei observando e fazendo algumas anotações. Neste dia encontrei as crianças sentadas em duplas, uma outra forma de organizar o espaço físico, com algumas cadeiras e mesas adaptadas para este fim; elas não eram novas, mas supriam a necessidade daquele momento. A professora iria exibir um filme.

8

Analisando o filme em que a professora havia preparado, percebi que era um filme distante de sua realidade, pois os atores eram majoritariamente brancos e os alunos majoritariamente negros. A turma tinha 16 (dezesesseis) crianças. O filme falava da relação entre pai e filho – o pai professor da escola onde o filho estudava – e também de uma disputa entre dois professores, um de História e o outro de Biologia, demonstrando nitidamente uma competição entre esses professores, em que o de História trazia alguns métodos não convencionais e fazia a escola movimentar-se, enquanto que o de biologia apenas dialogava com os alunos e usava bastante o quadro. Não consegui compreender a proposta de ter passado esse filme, pelas limitações em que minha chegada se encontrava, é claro, eu havia acabado de chegar à escola e era o primeiro dia de observação em sala.

Acreditamos que a missão da educação é “[...] transformar sujeitos e mundos em alguma coisa melhor de acordo com as imagens que se tem de uns e outros: ‘e deles faremos homens’ [...]” (BRANDÃO, 1988, p. 13). Mas, a educação também pode fazer o inverso, pode deseducar como afirma Brandão (1988), “[...] e pode correr o risco de fazer o contrário do que pensa que faz, ou do que inventa que pode fazer: ‘e eles eram, portanto, totalmente inúteis’.” (p. 13).

Enquanto observava e fazia as anotações no caderno, uma das crianças que olhava atentamente, disse: “Caramba, você já escreveu tudo isso?” Percebi que ele sempre ficava me olhando e falando para os colegas, e percebi que talvez esse tenha sido o primeiro contato de fato com eles. Nesse momento, fui percebendo como as crianças são desapegadas das vaidades; elas eram curiosas e faziam questão de conversar com um estranho, que acabara de chegar ali, mas que estava junto com eles.

A mesma criança que havia perguntado sobre a minha escrita, também perguntou sobre uma tatuagem que tenho no pulso. Expliquei brevemente e pedi

para que ele prestasse atenção ao filme. Depois de um tempo, ele estava fazendo uma tatuagem no pulso dele com as canetas. Com o decorrer dos dias, fui percebendo que essa mesma criança era sempre chamada atenção pela professora, que os colegas a rejeitavam, talvez pelo jeito de ser, pelo fato de tomar algumas decisões que outras crianças não tinham coragem.

5. Aspectos administrativos e funcionais da Escola e o Plano Político e Pedagógico

Dialogamos com a Entrevistada 2 com o intuito de conversamos sobre os aspectos físicos e administrativos da instituição. A Entrevistada 2 mostrou-se bastante solícita e com uma identidade quilombola muito forte em seu discurso. Ao ser perguntada sobre qual o público que a escola atendia, ela respondeu-me que pela tarde a escola oferecia o 3º, 4º e 5º anos, pela manhã o infantil, 1º e 2º anos e à noite os ciclos da Educação de Jovens e Adultos (EJA).

Durante nosso diálogo, éramos sempre interrompidos, já que a Entrevistada 2 sempre tinha que dar atenção a inúmeras demandas que surgiam no decorrer de nossa conversa. Assim, fui percebendo como a escola é dinâmica, como o movimento entre direção e corpo docente é essencial ao bom funcionamento da escola.

A instituição havia sido fundada em 1963, tendo o terreno sido doado por um morador da comunidade. Em sua fundação, a escola tinha apenas uma sala e quem lecionava era a senhora Rosa, que morava na comunidade de Caxitu. A escola, antes do município do Conde ser emancipado, pertencia ao município de João Pessoa e tinha o nome de *Escola Municipal de Mituaçu*, sendo ampliada, em 1993, a partir da emancipação do município e, na gestão do Prefeito Antônio de Souza Santos, mudado seu nome para Ovídio Tavares de Moraes em homenagem a um grande proprietário de terras.

Perguntei à Entrevistada 2 o motivo do nome da instituição, ela afirmou que o *Ovídio Tavares* não era uma pessoa bem quista pela comunidade, pois era um fazendeiro que tinha poder econômico e era influente no campo político da

comunidade. Ao perguntar o motivo da escolha do nome, a Entrevistada 2 disse que Ovídio não apoiava a construção da escola e completou dizendo que a escola, junto ao sindicato, estava em um processo de modificação do nome, pois o prefeito da época colocou o nome dele sem consultar ninguém, nem mesmo o terreno foi doado por este senhor e ele não tinha vínculo nenhum com a comunidade, a não ser de exploração.

10

Observamos, também, o funcionamento da parte administrativa. A Entrevistada 2 informou que a escola possuía um agente administrativo e uma supervisora e que eles sempre revezavam para estarem presentes nos três turnos. Perguntado sobre a merenda ela disse que todo alimento vem através da agricultura familiar, com o convênio que a prefeitura tem com os agricultores da região.

Sobre os aspectos da evasão escolar, a Entrevistada 2 afirmou que o maior número neste quesito é na modalidade da EJA e que, no Ensino Fundamental I, no ano de 2017, dos 100 (cem) educandos e educandas que estudavam, cerca de 5 (cinco) evadiram. A Entrevistada 2 ainda falou da relação que a comunidade tinha com a escola, em que os educandos, educandas, junto a seus responsáveis, sempre participavam dos momentos festivos e do acompanhamento cotidiano, nas reuniões.

O Plano Político Pedagógico (PPP) da escola em seu primeiro parágrafo na apresentação traz os aspectos da gestão democrática, aponta os princípios neoliberais da individualização dos sujeitos em detrimento do coletivo, trata das marcas da desigualdade social, construída e constituída no campo pelos setores financeiros.

O PPP ainda apresenta o desafio de conceber uma escola que atenda às especificidades do campo, do meio ambiente, do modelo social de vida e de produção. Tal plano aponta a necessidade da descentralização do poder nas tomadas de decisões. Em um dos parágrafos, o PPP retrata que a escola que almejamos é uma escola viva em que haja autonomia e participação.

O Plano Político Pedagógico traz em sua constituição a LDB 9394/96 e os PCN's. Traz, também, fortemente, as especificidades do homem e da mulher do campo, do sujeito afro-brasileiro e do reconhecimento de sua ancestralidade, traz a palavra quilombo e sua significação, aponta os traços históricos da constituição da

população africana. O PPP traz uma escola imersa na comunidade e que a educação deve estar diretamente relacionada com vida e com o outro, e, de acordo com Brandão, ao falar sobre a educação, a escola

Ajuda a pensar tipos de homens. Mais do que isso, ela ajuda a criá-los, através de passar de uns para os outros o saber que os constitui e legitima. Mais ainda, a educação participa do processo de construção de crenças e ideias, de qualificações e especialidades que envolvem as trocas de símbolos, bens e poderes que, em conjunto, constroem tipos de sociedades. E esta é a sua força. (1988, p. 11).

11

Percebemos que este documento tenta aproximar-se da realidade daquela comunidade, justifica a problemática vivenciada pela população quilombola e reforça a necessidade de uma educação coletiva, pautada na humanização e no reconhecimento da população quilombola como sujeitos de direitos.

6. A intervenção: O ensinar e o aprender a partir do diálogo

A intervenção envolveu o planejamento de uma sequência didática abordando mais de uma disciplina. Acreditando ser possível desfragmentar os conteúdos e tratá-los como algo estritamente relacionado com a vida. É com o desafio de abordar várias disciplinas que fomos pensando em uma sequência didática que atendesse à demanda da escola e que fosse interessante para os educandos daquela sala de aula.

A primeira regência havia sido agendada para o dia 27/08/2018, cerca de uma semana antes do dia 07/09/2018, o chamado dia da independência brasileira, então a ideia era trabalhar algo em torno dessa data. Porém, o desafio era trabalhar a Língua Portuguesa de forma multidisciplinar, abordando também História, Geografia, Artes e algumas questões éticas, no intuito de romper com o conteúdo fragmentado. Foi com essa intenção que se organizou a sequência didática chamada: *O dia 07 de setembro, o chamado dia da independência*, com o objetivo de se trabalhar com o gênero textual folheto.

Partindo de uma necessidade real de conceber o estágio, vinculada às reais necessidades da comunidade, optou-se por este tema, dialogando com a *Base Nacional Comum Curricular (BNCC)*, no tocante à área de Linguagens e Língua Portuguesa, ao assumir a centralidade do processo de ensino e aprendizagem a partir do texto, de forma a sempre relacionar os textos a seus contextos de produção e o desenvolvimento de habilidades ao uso significativo da linguagem em atividades de leitura, escuta e produção de textos em várias mídias e semioses. Compreendendo que os conteúdos não dão conta de se desenvolverem isoladamente, pois fazem parte da vida, de uma vida que não se faz isolada e estanque, mas que está em permanente movimento, mudando e ressignificando cotidianamente o modo de pensar, agir e intervir dos educadores e educandos.

A problemática a ser trabalhada é o 7 de setembro, dia de comemoração, apresentado nos livros didáticos como o dia da independência, quando o príncipe regente Dom Pedro as margens do Ipiranga esbravejaram a frase “independência ou morte” em 1822. Atualmente este dia é marcado pelo simbolismo nacionalista, onde os civis promovem os desfiles juntamente com os militares reforçando o poderio bélico da nação.

Nesse cenário pretende-se discutir junto com aos educandos a problemática do dia da Independência, pensando a soberania nacional e os direitos dos povos originários da terra, dos nativos e dos quilombolas, pretendemos com a temática, levantar hipóteses e discutir de forma coletiva, alternativas para o direito a vida, o direito a terra, a educação e aos bens culturais como política pública de efetividade para a população do campo. Utilizaremos o gênero textual folheto para trabalhar com os alunos do 5º ano do Ensino Fundamental, propondo a produção desse instrumento de conscientização sobre o dia 7 de setembro – o chamado dia da independência.

Este gênero textual foi escolhido pela necessidade de se ter um meio de comunicação de fácil manuseio e compreensão por parte dos alunos, além de possibilitar uma leitura rápida e eficiente. Pelo seu caráter intencional, considerou-se o folheto um instrumento bastante adequado para a promoção dessa temática, socializando junto à comunidade a verdadeira história do dia 7 de setembro.

Os folhetos, produzidos pelos alunos, serão compostos por capa e três colunas com informações através de textos e desenhos, chamando atenção do leitor pela diagramação pretenciosa, pelas letras diferenciadas para que se mantenha o foco em determinada parte do folheto, assim como pelas cores utilizadas em sua composição.

Essa é uma proposta que rompe com a produção do conhecimento eurocêntrico e que dialoga sobre as questões que vivemos na atualidade: as políticas públicas para a independência da população afro-brasileira.

Dialogamos sobre o conceito do dia 07 de setembro, de que era um dia comemorativo, que estava relacionado à independência política e econômica do Brasil à coroa de Portugal. Falamos do dia da independência negra mineira que era comemorado neste mesmo período em homenagem ao Rei Ambrósio, um negro que resistiu aos desmandos militares do Brasil à época do império. Dialogamos, também, sobre o grito dos excluídos, um movimento social que propõe um debate sobre a real condição das minorias, do povo negro e do campo, e suas negações de direitos.

Em seguida, debatemos sobre a escravidão e os direitos dos negros no período abordado, falamos que os negros continuavam sendo escravos, mesmo depois da independência. Na medida em que dialogamos sobre todas essas questões, eu escrevia alguns tópicos que surgiam na sala e colocava no quadro, relacionados às falas que os educandos e educandas construía.

Nosso intuito com esses diálogos estavam em estabelecer aquilo que Pacheco (2006) denomina de diálogos entre as idades e gerações. Para essa autora é preciso dialogar em sala de aula com bases em uma pedagogia ancestral, pedagogia essa, denominada por: Pedagogia Griô.

[...] uma pedagogia da vivência afetiva e cultural que facilita o diálogo entre as idades, entre a escola e a comunidade, entre grupos étnico-raciais interagindo saberes ancestrais de tradição oral e as ciências formais para a elaboração do conhecimento e de um projeto de vida que tem como foco o fortalecimento da identidade e a celebração da vida. [...] (PACHECO, 2006, p. 86)

No final de nosso diálogo, solicitei que eles fizessem duplas e construíssem uma frase no caderno a partir do que havíamos dialogado. Em seguida, solicitei que eles transcrevessem suas frases em um papel 40, com o lápis piloto, para que, ao final, este cartaz fosse apresentado para toda a turma, explicando o motivo pelo qual cada dupla escolheu a frase e o que haviam aprendido.

Na aula seguinte, iniciamos a construção do folheto, com uma recapitulação da primeira aula, de como o folheto se organiza e qual a finalidade dele. Entreguei vários modelos de folhetos para que eles visualizassem de que forma poderiam organizar o seu folheto, obedecendo à estética que o folheto requer para transmitir determinada informação.

Entreguei uma folha de papel A4 dobrada em três partes iguais e dialogamos acerca da capa, do conteúdo e das informações que deveriam ser privilegiadas. Neste momento, priorizamos a construção da capa, em que utilizamos alguns restos de papéis recortados e lápis de cera. Orientei-os de que a capa deveria ter um título, uma imagem e um subtítulo embaixo da imagem e que dialogasse com o conteúdo do panfleto.

Nesse momento, percebi uma determinada resistência, eles diziam: Eu faço o quê? Eu desenho o quê? Não sei desenhar, o que vou fazer? Foi neste momento que percebi que eles eram bastante dependentes da professora, no sentido de se apoiarem no quadro e no que a professora solicitava. Tivemos bastante resistência nesse primeiro momento para fazer a capa, só depois de muita conversa, de algumas tentativas, eles começaram a fazer, de seu jeito, da forma que quisessem, apenas sendo fiel ao tema e a proposta.

Nesse cenário é que percebi como a inventividade e a imaginação daquelas crianças haviam sido podadas com o tempo, as frases de incapacidade de que não posso ou não consigo ficaram em evidência neste dia. Dialogando com Freire e Guimarães (2010), é importante destacar,

Como desenvolver um sistema educacional que estimule a criatividade, a inventividade, a percepção crítica do momento mesmo em que se vive, o sentido da participação, a superação dos interesses individuais em função dos interesses coletivos? Como desenvolver toda uma nova pedagogia se as próprias estruturas da

sociedade não foram total e radicalmente transformadas ainda? (p. 51).

Nesse sentido, como desenvolver um processo ensino-aprendizagem vinculado com a criatividade, com a ética, com a cooperação e com o amor ao outro, se os próprios educandos não se enxergam capazes, capazes de serem autônomos e de construir a sua própria atividade relacionando com a vida. Foi neste momento que percebemos o papel da escola, o papel que os pedagogos devem assumir, principalmente com a autoestima dessas crianças.

Iniciamos a terceira regência solicitando a entrega da capa do folheto, já produzida com uma imagem, o título e o subtítulo. Poucos entregaram o folheto, e percebemos que havia cometido um grande erro em não ter colocado essa atividade no quadro, pois as crianças não conseguiam se distanciar do quadro, tudo que estava no quadro elas anotavam, e como eu havia solicitado a capa do folheto apenas dialogando, elas não escreveram e, portanto, muitas não trouxeram.

Reorganizei o tempo e pedi para que eles fizessem naquele momento a capa. Fomos construindo juntos e as frases de incapacidade voltaram, em menor escala, mas as crianças ainda permaneciam dizendo-as. A preocupação das crianças era com a técnica e com o procedimento, eles não conseguiam relaxar no processo de construção, queriam um folheto que fosse melhor que o outro, que fosse mais bonito e nesse momento comecei a dialogar sobre a importância da coletividade e de ajudar o colega do lado.

Dialogamos sobre nossas diferenças e que essas diferenças é que nos faziam crescer junto com o outro, que temos habilidades diferentes um dos outros e que é importante o companheirismo nesses momentos para que construíssemos junto com o outro e não para superar o outro.

Ao final, fomos percebendo que as crianças já estavam muito mais abertas, já conversavam mais sobre diversas questões, sobre quando iríamos voltar, se era no dia seguinte, se iríamos ficar até o final do ano com eles. O interessante foi quando uma das meninas me perguntou qual seria o próximo dia da semana, e eu falei que iria voltar na quarta-feira, ela completou dizendo que era melhor assim, pelo menos podiam me ver perto do final da semana. Observei que elas estavam

fazendo a conexão de quanto tempo eu demoraria para voltar, levando em consideração que eu sempre ia dois dias seguidos, elas preferiam que eu fosse ao início da semana e depois no final.

Na semana seguinte, preparamos uma breve revisão sobre os textos que havíamos discutido. A capa já estava pronta, faltava apenas o conteúdo de dentro do folheto e começamos a falar que esse dia 07 de setembro tinha algumas verdades e algumas mentiras. Acordamos, então, em fazer o folheto sobre as “Verdades” e “Mentiras” do dia da independência do Brasil. Dividi o quadro em duas partes: a primeira com as verdades, a segunda com as mentiras. Começamos a perguntar a eles sobre tudo que havíamos estudado, se eles lembravam, e as crianças foram dialogando e fomos construindo a parte interna do panfleto.

Utilizamos, ainda, as frases que havíamos construído junto com eles anteriormente e que eles apresentaram para turma. Perguntei se não seria interessante utilizarmos essas frases dentro do folheto, eles concordaram e o folheto estava quase pronto. Dialogamos sobre o que poderia ter a parte de trás do folheto, se não seria interessante colocar as informações de quem produziu, o nome, a idade e série. Todos concordaram e concluíram o folheto.

Ao final desse processo produtivo, todos participaram, perceberam que era algo útil para a vida e que também dava para aprender daquela forma. Mostrei a eles que conseguiram elaborar um produto, algo que inicialmente eles acharam muito difícil e percebi o quanto a motivação faz-se necessária e em como podemos potencializar a autoestima na produção intelectual das crianças.

7 Considerações finais

As considerações que gostaríamos de tecer são estritamente sobre a importância do olhar atento para o mundo e para as coisas, em que é preciso que sejamos pesquisadores da nossa própria realidade, capazes de reinventar a nossa ação relacionada ao processo de ensino e aprendizagem.

Alguns desafios e possibilidades se afiguraram durante o estágio, a partir da rigidez estética e interacional da escola, apresentar e construir junto aos educandos

novas formas de conceber os conteúdos científicos, pautados no diálogo é extremamente importante, remonta-nos a desenvolver uma escola mais aberta e dialógica, concebendo os sujeitos como protagonistas da realidade.

Portanto as considerações que fazemos não se caracterizam como um encerramento, mas como uma possibilidade de se pensar o espaço escolar de diferentes maneiras. A partir do estágio e da forma como foram conduzidas as atividades, conseguimos aproximar os educandos uns dos outros, com o olhar atento para as especificidades do outro. A partir do trabalho em grupo, foi possível enxergar um mundo mais coletivo, em que o respeito às limitações do outro fossem enxergadas. Foi nesse mundo que transitamos, pautado na coletividade e na necessidade do olhar atento e amoroso para o mundo e para os educandos.

17

Referências

ARAÚJO, Denise Lino de. O que é (e como faz) sequência didática? **Revista Entrepalavras**, Fortaleza – ano 3, v.3, n.1, p. 322-334, jan/jul 2013.

BOGDAN, Robert C; BIKLEN, Sari Knopp. **Investigação qualitativa em educação**: Uma introdução à teoria e aos métodos. Tradução de Maria João Alvarez, Sara Bahia dos Santos e Telmo Mourinho Baptista. Porto-Portugal: Porto, 1999. (Coleção Ciência da Educação).

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. A comunidade tradicional. In: **Cerrado, Gerais, Sertão**: comunidades tradicionais dos sertões roseanos. Montes Claros: 2010 (Relatório de Pesquisa).

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. A pesquisa participante e a participação da pesquisa. In: BRANDÃO, C. R.; STRECK, D. R. (Orgs.). **Pesquisa participante**: a partilha do saber. Aparecida, SP: Ideias & Letras, 2006.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação**. Rio de Janeiro: Brasiliense, 1988.

BRASIL, Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. MEC, 2017.

BRASIL, **Parâmetros Curriculares Nacionais**: Primeiro e Segundo Ciclos do Ensino Fundamental: Língua Portuguesa. Brasília. MEC/ SEF, 1997.

DEMO, Pedro. **Introdução à metodologia da ciência**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 1985.

FREIRE, Paulo. **Ação Cultural para a Liberdade** – e outros escritos. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

FREIRE, Paulo. Criando métodos de pesquisa alternativa: aprendendo a fazê-la melhor através da ação. In: BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Pesquisa Participante**. 8. ed. São Paulo: Brasiliense, 1990. p. 34-41.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança**: Um reencontro com a Pedagogia do Oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

FREIRE, Paulo; GUIMARÃES, Sérgio. **A África ensinando a gente**: Angola, Guiné-Bissau, São Tomé e Príncipe. 2. ed. – São Paulo: Paz e Terra, 2010.

MEJÍA, Marco Raúl. **Educação e pedagogias críticas a partir do sul**: Cartografias da Educação Popular. São Carlos: Pedro & João Editores, 2018.

MORETTI, Cheron Zanini; ADAMS, Telmo. **Pesquisa participativa e Educação Popular**: epistemologias do sul. Educação e Realidade. Porto Alegre, v. 36, n. 2, p. 447-463, maio/ago. 2011. Disponível em: http://www.ufrgs.br/edu_realidade. Acesso em: 16 de Abril de 2020.

PACHECO, Lílian. **Pedagogia Griô**: A reinvenção da roda da vida. 2. ed. Lençóis/BA: Grãos de Luz e Griô, 2006.

RICHARDSON, Roberto Jarry. **Pesquisa Social**: métodos e técnicas. São Paulo: Atlas, 2017.

SANTOS, Glaucilê Pereira dos. **O povo negro e o voo para a liberdade: Comunidade Quilombola de Mituaçu (PB-Brasil) séculos XVII-XX**. 2011. 63 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Monografia), Curso de Licenciatura em História, Universidade Federal da Paraíba – UFPB, João Pessoa, 2011.

VARGAS, Suzana Lima. MAGALHÃES, Luciane Manera. O gênero textual tirinhas: uma proposta de sequência didática. **Revista Edufoco**, Juiz de Fora, v.16, n.1, p. 119-143, mar./ago. 2011.

ⁱ **Gabriel Alves do Nascimento**, ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0190-9235>

Universidade Federal da Paraíba

Mestrando do Programa de Pós-graduação em Educação UFPB. Graduado em Pedagogia com área de aprofundamento em Educação do Campo pela UFPB. Seus textos são publicados nos campos do Ensino, Educação, História da Educação, Imprensa, Gênero, Instituições Escolares e Paradigma Indiciário.

Contribuição de autoria: Desenvolveu a pesquisa de campo. Colheu os dados obtidos através do diário de campo. Conduziu a escrita do artigo e do texto final.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7002878773845435>

E-mail: gabrielalves.educ@gmail.com

ii **Aline Rodrigues de Almeida**, ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-0152-3941>

Universidade Federal da Paraíba

Mestra pelo Programa de Pós-graduação em Educação da UFPB. Graduada do curso de Pedagogia pela UFPB. Seus textos são publicados nos campos: Educação Popular, Educação Enquanto Experiência Comunitária e História da Educação.

Contribuição de autoria: Desenvolveu a Pesquisa de campo. Auxiliou na sistematização dos dados obtidos. Escrita do artigo final.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3194753569925442>

E-mail: aline.ralmeidas2@gmail.com

iii **Charliton José dos Santos Machado**, ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-4768-8725>

Universidade Federal da Paraíba, Professor Titular da UFPB e docente do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE/UFPB).

Professor Titular da Universidade Federal da Paraíba/UFPB. Lotado no Departamento de Metodologia da Educação - DME no Centro de Educação/CE. É Bolsista de Produtividade em Pesquisa do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) PQ1-D. Membro do Comitê de Assessoramento de Educação - CA-ED/CNPq.

Contribuição de autoria: Desenvolveu orientações técnicas. Elaborou a tradução do resumo para o inglês. Contribuiu com a escrita do artigo. Elaborou correções do texto final.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2036729143677618>

E-mail: charlitolara@yahoo.com.br

Editora responsável: Karla Colares Vasconcelos

Como citar este artigo (ABNT):

NASCIMENTO, Gabriel Alves do; ALMEIDA, Aline Rodrigues de; MACHADO, Charlito José dos Santos. Comunidade quilombola de Mituaçú: Relato de estágio docência na Escola Municipal Ovídio Tavares de Moraes. **Ensino em Perspectivas**, Fortaleza, v. 1, n. 1, p. 1-19, 2020.